

Os riscos que o otimismo exagerado esconde

Dependência externa, reformas não concluídas e problemas de infra-estrutura podem comprometer o crescimento

Marcelo Rehder, Patrícia Duarte e Luciana Rodrigues

● SÃO PAULO e RIO. Por trás do otimismo que tomou conta do país nos últimos meses há sérios riscos. Consultores, líderes empresariais e economistas concordam que não haverá problemas para o país crescer a taxas entre 4% e 5% este ano. Contudo, existe uma boa dose de dúvidas quanto à capacidade de a economia brasileira sustentar os atuais níveis de expansão nos próximos anos.

O presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer Piva, se diz alinhado entre os otimistas, mas considera que ainda há muito o que fazer do ponto de vista estrutural para garantir uma expansão econômica duradoura:

— Tenho dúvidas quanto à sustentabilidade do crescimento a médio e longo prazos, sem que medidas como a reforma tributária, fundamental para dar maior competitividade aos produtos brasileiros, e a continuidade da redução dos juros para níveis próximos aos internacionais sejam implementadas a toque de caixa — disse Piva.

Mantega alerta para desequilíbrio da balança

Reduzir a excessiva dependência externa do país é o principal desafio, na opinião de Guido Mantega, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). Segundo ele, o governo não conseguiu consolidar uma política industrial e de substituição de importações capaz de garantir superávits comerciais.

Diante disso, Mantega diz que, ao mesmo tempo em que o país pode crescer 5%, o desequilíbrio da balança pode crescer ainda mais. Segundo ele, para cada ponto percentual que o PIB brasileiro cresce, as importações sobem quatro pontos e, para que o país fique em situação confortável, o saldo comercial deveria ser de US\$ 10 bilhões.

O economista-chefe do BBV Banco, Octávio de Barros, diz que há um excesso de euforia no país, apesar do risco de déficit em conta corrente e da crise na Argentina.

— O Brasil é visceralmente dependente da confiança mundial e tem o segundo maior déficit em conta corrente do planeta. Só perde para os EUA — diz Barros.

Piva acrescenta outro problema: muitos setores já estão trabalhando a plena capacidade e necessitam de investimentos.

Desigualdade social ainda resiste ao otimismo

Para Gustavo Franco, ex-presidente do BC, a economia brasileira vai enfrentar alguns obstáculos, como as limitações de infra-estrutura, principalmente de energia elétrica.

Mantega, da FGV-SP, vê como fatores positivos a perspectiva de ingresso de investimentos diretos estrangeiros da ordem de US\$ 25 bilhões para 2001 e o crescimento gradual da oferta de crédito.

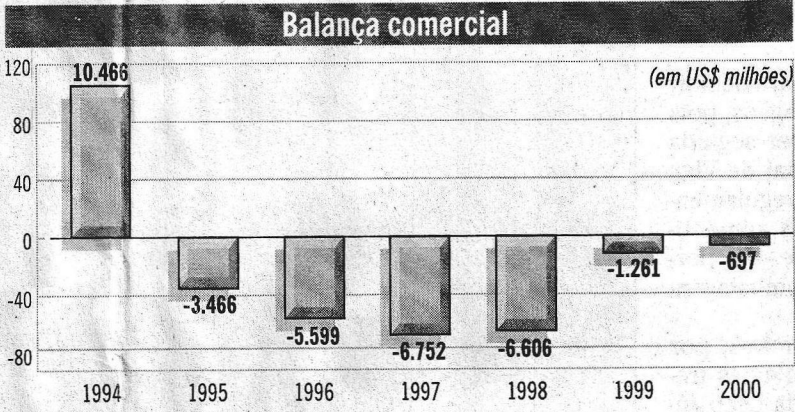
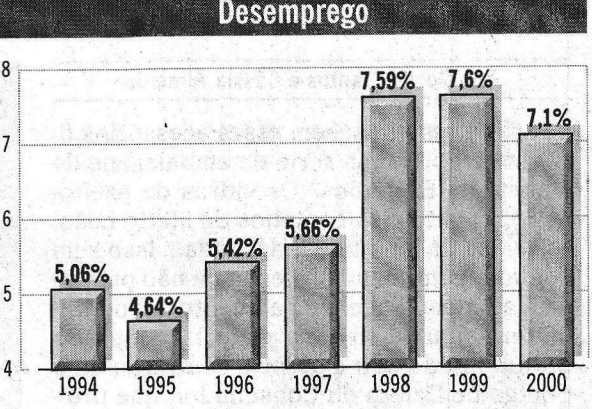
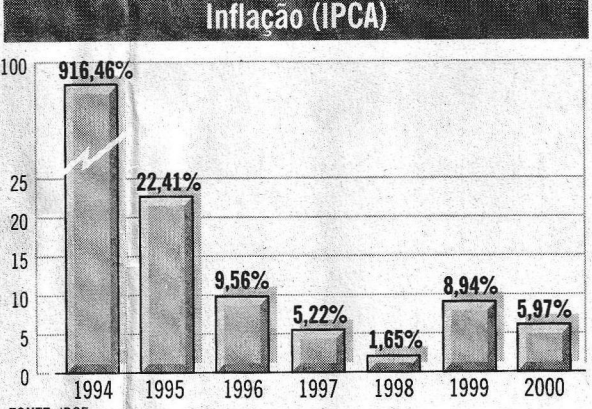
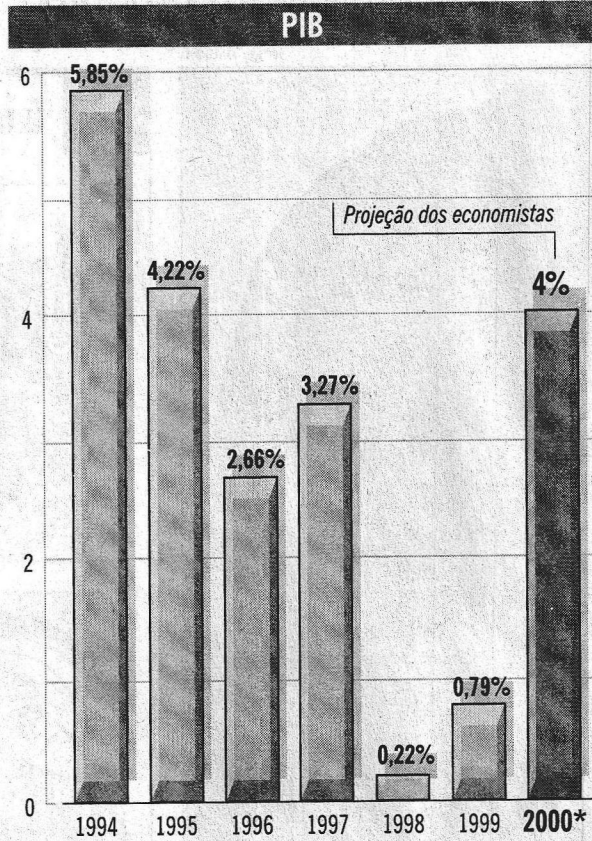
— Se a situação mundial não sofrer solavancos muito fortes, o governo conseguirá manter o crescimento por mais dois anos, empurrando com a barriga. É o tempo para as próximas eleições (presidenciais, marcadas para 2002). O problema é que o governo definiu apenas sua agenda política, e não a econômica — diz Mantega.

Paulo Nogueira Batista Junior, professor da FGV-SP, acredita que a recente onda de otimismo tem fundamentos sólidos. Mas lembra que isso não se refletiu em qualquer melhora na distribuição de renda do país. Na sua opinião, falta ao governo federal uma política sistemática para melhorar a distribuição de riquezas:

— Nossos índices de desigualdade são obscenos.

COLABORARAM: Gilberto Lima Filho e Sandra Silva

Os bons sinais do cenário econômico



Saiba o que dizem os economistas



GUSTAVO FRANCO
● "Minha preocupação é com fatores internos, principalmente no que se refere à taxa de investimento. Na Ásia, é de 35% do PIB; no Brasil, está em 22%"



HORÁCIO LAFER PIVA
● "A decisão de investir passa pela confiança no médio e longo prazos. Por isso, é importante acelerar a queda dos juros e aprovar as reformas"



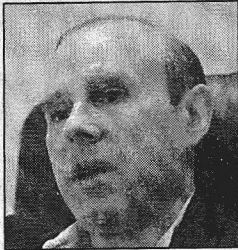
JOSÉ ROBERTO MENDONÇA DE BARROS
● "Com a desaceleração da economia americana, nosso risco de curto prazo voltou para o setor externo"



PAULO NOGUEIRA BATISTA JUNIOR
● "Nosso flanco externo é frágil. O BC não pode ficar indiferente às taxas de câmbio e é preciso restrições na nossa conta de capital"



HERON DO CARMO
● "Teremos uma safra boa e há a perspectiva de queda nos preços do petróleo. Não se espera nenhuma catástrofe só porque o crescimento dos EUA será menor"



GUIDO MANTEGA
● "Enquanto o PIB sobe pela escada, as importações vão pelo elevador. Esse é o calcanhar de Aquiles do governo, que limita o crescimento"



MÁILSON DA NÓBREGA
● "Baixar juros não depende apenas de vontade política. O problema fiscal do país impede cortes ousados. Isso só será resolvido com a reforma tributária"



OCTAVIO DE BARROS
● "Há excesso de euforia. O país depende da confiança mundial: temos o segundo maior déficit em conta corrente do mundo e há a crise argentina"